



## **A PERFORMANCE FASCISTA SE REVELA**

Josias de Oliveira Porto Neto<sup>1</sup>

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Onde Nascem os monstros: extrema direita e performance fascista. Salvador: Quarteto, 2022. 220 p.

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Ciências Sociais pela UFBA. E-mail: josias.oliveira@ufba.br.



Na mesma linha de dois dos seus livros anteriores "De tédio não morreremos " e "Foi golpe", este recente "Onde nascem os monstros" é uma coletânea de artigos do historiador Carlos Zacarias de Senna Junior (2016, 2018, 2022). São publicações escritas originalmente para o periódico *A Tarde*, de Salvador, mas também para o jornal *Le Monde Diplomatique*, e para os portais *Esquerda Online* e *Marxismo 21*.

A leitura deles nos permite fazer uma retrospectiva destes tempos tão complexos que foram os últimos anos no país. Faz-nos refletir sobre as conexões e evolução das conjunturas analisadas no calor de cada momento. Mas este conjunto da obra, que não deixa de ser uma totalidade, é marcado também por algo próprio em cada um desses "três tempos". As três coletâneas de artigos correspondem cada uma, em alguma medida, a mudanças qualitativas na situação política do Brasil.

E os títulos não poderiam deixar de ser mais propositais. No primeiro (que abarca o final dos anos 2000 e início dos anos 2010), um turbilhão de acontecimentos e reviravoltas do final dos governos petistas no país despertam algum sentimento que de fato é o oposto do "tédio". Talvez o "clímax" desta "primeira temporada" da história do tempo presente seja o episódio das Jornadas de Junho de 2013, com todos os seus sentidos e contradições.

Já o segundo reúne artigos escritos em um intervalo histórico menor do que o de ambos os outros (entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro de 2018). Mas se é menor em termos de anos e de crônicas, os dias a que corresponde pareceram infinitos. A ocupação das ruas pelas direitas, a derrubada do governo Dilma, a ofensiva contra os direitos executada pelo ilegítimo presidente Temer são uma breve síntese do que aconteceu nestes difíceis anos. A conclusão não poderia deixar de ser outra: "foi golpe!"

Chegamos à terceira obra, foco desta resenha. Com o resultado eleitoral de outubro de 2018, o ovo da serpente, chocado no contexto histórico que corresponde aos dois livros anteriores, dá vida ao repugnante monstro que até hoje esbraveja, atormenta-nos e ameaça. É impossível sintetizar, de forma fiel, tantas ideias fortes trabalhadas nos 56 artigos reunidos neste livro. Mas há um eixo norteador que pode ser apreendido na leitura continuada destes textos: Sena (2022) vai demonstrando como uma performance fascista



vai-se revelando, dia após dia, cada vez mais nítida, no decorrer destes anos de governo Bolsonaro.

Os artigos são agrupados em três partes: (1) "Bolsonarismo e performance fascista"; (2) "Guerra cultural e discurso de ódio"; (3) "Crônicas de tempos sombrios". Os primeiros artigos datam ainda do contexto das eleições presidenciais de 2018, entre o primeiro e o segundo turno. Os últimos beiram o final de 2021. Nas duas primeiras partes, os artigos são, em geral, maiores. Na última, reúnem-se exclusivamente os textos da coluna do *Jornal A Tarde*, com textos menores, mas que, nem por isso, deixam de ser profundos.

O autor começa analisando a escalada de violência dos bolsonaristas no processo eleitoral de 2018. Em uma referência à brutalidade dos anos de chumbo da Ditadura Militar, alerta que o perigo não está apenas nas ações dos "chefes", mas no que seus seguidores, ou seja, "os guardas da esquina" são capazes de fazer. Segue identificando os "sinais do fascismo" no decorrer dos movimentos de composição e montagem dos ministérios e do novo governo. Ainda que sobressaindo a perplexidade geral com muitos nomes indicados, alguns inquestionavelmente incapazes para determinados postos, Sena (2022) chama atenção para as tendências fascizantes no que estava sendo dito e no que representavam estas asquerosas e estranhas figuras.

Zacarias Sena (2022) provoca reflexões sobre o que é o bolsonarismo, este movimento que dá sustentação ao governo. Vai buscar suas origens nos desdobramentos das Jornadas de Junho de 2013. Não que essas jornadas tenham surgido originalmente reacionárias, muito pelo contrário. Mas, em um determinado momento, as direitas passaram a disputar o seu sentido e conseguiram ao final dirigi-las. Mais à frente, dirigem também milhares nas ruas em 2015 e 2016 contra o governo Dilma. O golpe de 2016 e o devastador governo legítimo de Temer fertilizaram ainda mais o terreno. A cereja do bolo foi a ascensão deste líder carismático, que apresentava soluções fáceis para problemas complexos, inflamando um discurso ressentido de ódio do "nós" (os "cidadãos de bem") *versus* "eles" (esquerda, negros, feministas, LGBTQs, indígenas etc.).

Ao centésimo dia desse pesadelo chamado governo Bolsonaro, Zacarias escreve um balanço, seguindo atento aos sinais de fascismo, que evoluem. Não se conseguiu criar um partido fascista propriamente dito, é verdade, mas "[...] o presidente governa com um



discurso fascistizante” (SENA Jr, 2022, p. 45). Sena (2022) chama atenção para os tensionamentos internos do governo. Tensionamentos internos e externos são também características do fascista histórico.

Na sequência, analisa os primeiros dias da pandemia da Covid-19 no Brasil. A incapacidade de Bolsonaro em lidar com um cenário de emergência sanitária fica logo evidente. As fissuras internas se intensificam. Os novos inimigos da vez são prefeitos, governadores e o ministro da saúde do seu próprio governo. Os militares ocupam mais postos no governo e ganham cada vez mais destaque. É a performance fascista, com tons de crueldade e insensibilidade frente à morte, segue seu espetáculo. Zacarias analisa a aparição do presidente ovacionado por seus seguidores em Praia Grande (RJ) em meio ao ápice de mortes na pandemia. Nosso autor vai além das aparências na espantosa cena, e a relaciona com exemplos históricos da necessidade de o fascismo mobilizar símbolos, rituais e emoções para manter sua base mobilizada.

Assim, fechando essa primeira parte, Sena (2022) faz um importante resgate histórico da campanha das Forças Armadas brasileiras na Segunda Guerra Mundial contra o fascismo. As mesmas Forças Armadas que hoje são o braço direito do presidente fascista. Esta contradição se explica a partir do contexto histórico e das pressões sociais. Na época, no próprio governo de Getúlio Vargas, flertava-se com o nazifascismo, ao seu modo. Diversas pressões o fizeram mudar o leme. A principal delas: o sentimento e a mobilização popular pela entrada do Brasil na guerra para derrotar o nazifascismo do Eixo. Por fim, provocando nos leitores a noção de que, em meio a essa noite terrível, em algum momento, as forças sociais antifascistas se levantam e vencem.

Zacarias Sena (2022) inicia a segunda parte do livro analisando os sinais de fascismo, mas agora focando em uma outra (embora parte da mesma) ofensiva: contra a inteligência, a razão e o pensamento. Esta ofensiva tem um capítulo próprio na perseguição aos professores. A perseguição aos intelectuais é mais um ponto de encontro entre o que vivemos no Brasil e as experiências históricas do fascismo clássico. O autor explora a mudança da imagem social do professor do país. Vistos há tempos como heróis (ainda que mal pagos e por isso uma profissão cada vez menos desejada), os mestres passaram a figurar como doutrinadores que precisam ser amordaçados. O projeto "Escola



sem Partido" é a expressão máxima desta "nova" tendência e ela chega ao poder com Bolsonaro. O desinvestimento em educação e a perseguição aos educadores marcam as gestões dos diferentes ministros que ocuparam a pasta da educação. Mas, lembra-nos Zacarias, não é por acaso que os professores são identificados como grandes inimigos. É das escolas e universidades do país que, muitas vezes, se ergueram as mais fortes lutas. Se os professores estão na mira da ofensiva bolsonarista, também são e serão linhas de frente da resistência e quiçá da derrota deste movimento.

A cultura também é alvo desta empreitada reacionária. Em um longo artigo sobre o filme *Marighella*, de Wagner Moura, Zacarias aborda as razões das hostilidades orquestradas pelos bolsonaristas e pelo próprio governo ao lançamento do filme. Ao abordar detalhes da história deste herói nacional, especialmente sobre seu assassinato pelo regime militar, contesta a ressurreição de falsidades que se tem difundido para sustentar a imagem de Marighella como um terrorista e criminoso. Ele vai a fundo ao tratar das origens desta "versão da história", e reflete sobre os problemas do revisionismo histórico em especial a respeito da Ditadura Militar. Os bolsonaristas hoje recuperam muito do que ela teve de pior, e se apoiam no que de pior ainda persiste no Brasil enquanto fantasma moribundo desse cadáver ainda não completamente sepultado. Os defensores da ditadura de ontem e de hoje são também inimigos da verdade e falsificadores dela. A disputa pela verdade sobre nosso passado faz parte da luta para impedir os horrores do presente e do futuro.

A mentira sobre o passado e sobre o presente é um método utilizado pelos diversos autoritarismos, incluindo o fascismo. São vários os momentos desse governo em que Bolsonaro mente escancaradamente. Senna (2022) menciona e dá destaque para a infantil (ou diabólica) insistência de Bolsonaro e dos bolsonaristas na "terapia" da Cloroquina. Como retoma mais ao final do livro, não foi apenas uma pequena mentira: Bolsonaro "[...] praticou o negacionismo, ignorou a vacina, atentou contra a saúde pública e as medidas sanitárias do seu próprio povo, apostando na imunidade de rebanho pela contaminação da população, algo que ocasionou mais de 600 mil mortos" (SENA, 2022, p. 214). E sentencia: Bolsonaro cometeu genocídio!



Os mais de 40 artigos da última parte do livro correspondem a uma crônica mais constante, já que se referem a uma coluna quinzenal. Muitas das manifestações do fascismo ao longo do governo, já abordadas com profundidade dos dois capítulos anteriores, aqui reaparecem em uma ordem cronológica mais contínua. Em geral, a cada quinzena, Zacarias escolhe algum acontecimento marcante para se debruçar e provocar reflexões. Além dos já resgatados até aqui, nesta parte final aparecem outros episódios que, cada qual ao seu momento, nos pareceu tão impactante, mas com o tempo vão se perdendo na nossa memória. De tão recorrente a tragédia vai se tornando trivial. Também por isso a importância deste livro: lembrar todas as angústias e sofrimentos que vivemos, para que superemos esta "página infeliz da nossa história", e a ela não mais voltemos.

Seguem alguns dos terríveis episódios abordados que somam ao quadro aqui já traçado com mais sinais de fascismo: o discurso de posse de Bolsonaro, em que declara guerra aos seus inimigos "ideológicos"; o discurso da ministra e pastora Damares Alves sobre a "nova era", em que "meninos vestem azul e meninas vestem rosa"; a abdicação do mandato e autoexílio do deputado Jean Wyllys, diante da perseguição e ameaças dos fascistas no poder; a sinistra mensagem de Bolsonaro ao então presidente da OAB, Felipe Santa Cruz, de que poderia lhe dizer o que havia acontecido com seu pai, desaparecido político da Ditadura Militar; o discurso obscurantista do presidente na assembleia geral da ONU, com inverdades e teorias da conspiração; o aumento da violência policial em todo o país, especialmente nas grandes cidades; a misoginia e violência de Bolsonaro e seus seguidores contra a jornalista Patrícia Campos Melo, e tantas/os outras/os jornalistas; os antifascistas sendo associados a terrorismo, e vasculhados em dossiês de deputados e relatório sigiloso do Ministério da Justiça e Segurança Pública. E se a coluna do nosso historiador fosse diária, essa lista seria quase infinita.

Mas há também episódios que sinalizam resistências, derrotas dos fascistas e perspectivas positivas para defensores da democracia. Zacarias menciona em seus textos: as diversas mobilizações de rua contra Bolsonaro, como os atos que aconteceram logo no início do seu governo, chamados de "Tsunami da educação"; os painéis nas janelas durante a pandemia; os atos antifascistas das torcidas organizadas; as mobilizações dos



povos indígenas etc. O bolsonarismo também foi atingido por derrotas importantes como: a prisão do deputado Daniel Silveira, que ameaçou as instituições, o STF e a democracia; a Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid no senado e seus desdobramentos; e, ainda: a suspeição do ex-juiz Sérgio Moro nos processos da Lava Jato e a recuperação da liberdade e dos direitos políticos de Lula.

Este livro nos ajuda a fazer uma retrospectiva crítica do que foi o governo Bolsonaro e tirar uma importante conclusão. Após as eleições em 2018, várias interrogações passaram a pairar sobre nossas cabeças: Para onde irá o governo Bolsonaro? Para onde irá a democracia no país? Bolsonaro conseguirá permanecer no poder por todo o mandato? Caso não caia, conseguirá impor uma ruptura da nossa frágil democracia? O bolsonarismo e seu líder se consolidarão como um movimento antidemocrático e com características fascistas, ou se disciplinará aceitando as “regras do jogo” do sistema político do país?

De fato, o país se equilibrou sobre uma tensão pendular entre duas possibilidades de desdobramentos de um governo tão atípico: golpe e *impeachment*. Ora a queda de Bolsonaro parecia algo possível, ora um golpe, para subverter a ordem democrática, se desenhava no horizonte. O que Carlos Zacarias Sena (2022) é capaz de nos demonstrar é que o sentido do desenvolvimento dos movimentos de Bolsonaro e do bolsonarismo, entre avanços e recuos, perseguem uma direção. A mesma direção que também em outros momentos da história um determinado fenômeno político social apontava. De forma mais ou menos categórica é possível identificar esse fenômeno como aos menos próximo do que se convencionou chamar de fascismo.

O fascismo segue vivo e ameaçando. Precisa ser combatido no tempo presente. A História deve ser implacável com o lugar que cada um de nós vai ocupar diante dele.